



ALGUMAS REFERÊNCIAS RELATIVAS A: “O INCONSCIENTE ESTÁ ESTRUTURADO COMO UMA LINGUAGEM”

Alejandro Luis Viviani¹

Certa vez, alguém me disse que queria fazer uma análise lacaniana porque os analistas lacanianos trabalham com as palavras. Sim, a rigor, como qualquer analista que, seguindo o ensino de Freud, faz da sua clínica uma experiência de discurso na qual é possível, pela palavra, aceder ao inconsciente na sua realidade sexual e infantil. Ou, como propõe Lacan, tratar o Real pelo Simbólico. Freud dizia que para a psicanálise o inconsciente é o verdadeiramente Real. É a palavra que permite aceder a esse Real e desocultar a verdade, não plenamente. Insistência freudiana. Desde que lhe foi imposto pelas históricas - "Me deixe falar!" - sempre recomendava trabalhar, tanto qualquer produção do inconsciente como qualquer associação, no duplo sentido das palavras, com as ambigüidades.

É a partir daquilo em que tinha se transformado a prática clínica naquela época na França, que Lacan propõe, no Informe do Congresso de Roma de setembro de 1953, o retorno a Freud. Retorno para recuperar o conceito de inconsciente que tinha passado a um segundo plano. Refazer os passos do seu surgimento e a sua articulação conceptual. Neste texto, referindo-se à sua relação ciência-sujeito-psicanálise, fala do conjunto de matérias de cujos recursos Freud se utilizava e penso que não só para a transmissão de uma técnica senão também para fazer possível a sua formulação conceptual. Entre outros exemplos, podemos lembrar a descoberta do inconsciente que subverte o sujeito cartesiano, e o não menos polêmico mito do pai da horda primitiva com o qual conceitualiza a origem da lei contra o incesto. Agora, o valor destes conceitos está dentro da psicanálise sem por isso deixar de questionar outras disciplinas.

Nesse sentido vemos que Lacan segue os passos de Freud. Algo desta ordem acontece com a afirmação que hoje nos ocupa: o inconsciente está estruturado como uma linguagem.

Retomarei sinteticamente algumas das referências que Lacan utiliza, e até reformula, para fazer o citado enunciado. Lembremos que C. Lévy-Strauss dizia que não há somente uma existência sociológica dos termos de parentesco mas que também são elementos de discurso, e que é fundamental considerar as relações entre esses termos. Formulava que o sistema de parentesco é um sistema arbitrário de representações, portanto, existe só na consciência dos homens.

¹ Cons: Rua Maranhão, 554. Conj. 42. Tel. 3666-9472. Fax: 3813-6735. E-mail alviviani@uol.com.br

Textura

ESTRUTURA

Nos aproximamos à idéia de estrutura como a relação de elementos que adquirem sentido pela sua posição em relação a uma falta. Para a psicanálise essa falta é produzida pela castração, como manifestação da lei contra o incesto, entendendo a castração como a operação simbólica que produz a perda de um objeto imaginário.

Trata-se, na estrutura, de posições e lugares que podem ser ocupados por diferentes elementos. Os lugares são anteriores aos elementos. A estrutura se dá num espaço topológico. Da topologia tomamos como referência a banda de Moebius. Esta pode ser construída pegando uma tira de papel, fazendo uma meia torção sobre ela mesma e colando as extremidades. Isto feito, uma tira que tinha dois lados, o direito e o avesso passa a ter continuidade.

Inconsciente e linguagem têm a exterioridade e a interioridade de uma banda de Moebius.

INCONSCIENTE

Será necessário que retomemos a conceitualização freudiana do inconsciente como um sistema diferenciado do Pré-consciente-Consciente por características próprias. Na "Metapsicologia" já encontramos, nesta forma de ler a realidade psíquica, uma primeira definição tópica, ou seja, de lugares, sendo estes Inconsciente-Pré-consciente-Consciente. Também temos os parâmetros dinâmico e econômico; distribuição de energia nos diferentes lugares, de energia quantificável por aumento ou diminuição.

O Inconsciente como lugar - o lugar onde se desenvolve a Outra cena está constituído por conteúdos recalçados que não têm acesso ao sistema Pré-consciente-consciente a não ser retornando de uma forma deformada.

Estes conteúdos são as inscrições psíquicas de representações. Estas representações não são imagens senão traços com sentido para o sujeito. São representações-coisa, os seus traços.

O princípio que governa este sistema é o Princípio do Prazer, a partir do qual se define que o acúmulo de energia psíquica - que circula livremente - produzirá desprazer, e o prazer será a descarga produzida pelo sistema, tentando que esta se faça da forma mais rápida possível. O processo que orienta os conteúdos inconscientes é chamado de processo primário e consiste nos mecanismos de condensação e deslocamento. Mecanismos que servem para a deformação das representações para evitar assim a censura. Mas também constituem uma prova da censura. A condensação é o ponto de interseção de várias cadeias associativas, essa interseção é uma representação, na qual há acúmulo de energia deslocada. O deslocamento é a transferência de intensidade de uma representação fundamental para outra sem importância, e entre as quais existe uma relação associativa. A energia Livre que se desloca produz uma transferência de valor. Se bem estes dois mecanismos funcionam simultaneamente em toda produção inconsciente, temos o predomínio de um sobre o outro. O fato de enunciar, por exemplo, que o sintoma enquanto sobredeterminado é uma condensação, não exclui na sua formação o deslocamento. Em toda

Textura

produção do inconsciente estão presentes estas duas operações pois esta é a forma de funcionamento do sistema. A censura separa Inconsciente de Préconsciente-Consciente não permitindo a passagem de representações de um sistema a outro sem sua deformação. Qualquer formação substitutiva está sempre referenciada à realização de desejo.

Já no sistema Pré-consciente temos conteúdos possíveis de consciência. Sendo a consciência um sistema perceptivo (sistema percepção-consciência) que recebe estímulos do interior e do exterior, não é um sistema acumulativo de memória. A memória é inconsciente. Quando as funções do sistema percepção-consciência estão adscritas ao sistema Pré-consciente, este sistema chama-se: Préconsciente-Consciente.

O princípio que governa o sistema Préconsciente-Consciente é o princípio de realidade, transformação do princípio do prazer. Não é um princípio de não-prazer senão o princípio que propõe o adiamento do prazer em benefício do eu e da realidade. Este princípio transforma a energia livre em energia ligada. Os conteúdos deste sistema são representações-coisa, representações-palavras e afeto. O processo que orienta este sistema é o processo secundário, processo de ligação dos conteúdos, propondo vias alternativas de satisfação. Temos dois tipos de representações: a representação-coisa, essencialmente visual e a representação-palavra, essencialmente auditiva. O sistema Pré-consciente-consciente estabelece a relação entre as duas. Esta relação possibilita refazer o caminho associativo e aceder aos conteúdos inconscientes.

Em Dora encontramos que a contigüidade dos pensamentos expressos permitenos conhecer as relações internas das representações recalcadas, e também que o sintoma histérico só se repetirá se tem um significado psíquico, um sentido que toma de pensamentos recalcados que tendem a expressar-se. Em cada caso, o sentido será diferente dependendo da natureza destes pensamentos. Nesse mesmo texto Freud afirma que o sintoma tem mais de um significado e que serve para figurar várias linhas de idéias recalcadas, sendo esta a figuração de uma fantasia que tem um conteúdo sexual. Seria conveniente rever como Freud trata a palavra "ratos" ou glejisamen no "Homem dos ratos", a tentativa de suicídio na jovem homossexual, e os sonhos, chistes e lapsos. É em relação a enunciados e trabalhos como estes que fala-se de uma antecipação ou intuição de Freud em relação à lingüística.

A regra fundamental é esse convite a falar livremente para alguém que escuta. Em posições diferenciadas, analista e analisante estão imersos no universo da linguagem.

LINGUAGEM

Signo. Sintagma. Paradigma.

Ducrot e Todorov nos apresentam de uma maneira organizada as propriedades da linguagem verbal, que são:

a: Pode ser utilizada para falar das palavras que a constituem, e também de outro sistema de signos. (Código).

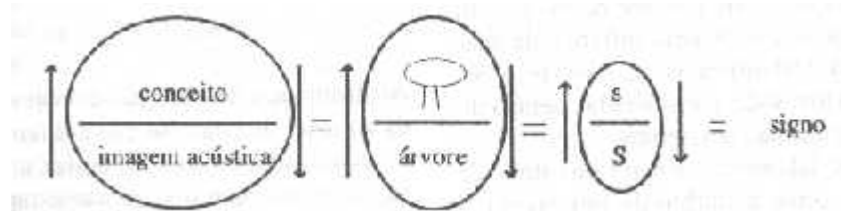
Textura

b: Pode produzir frases que rejeitam tanto a denotação (relação entre signo e referente - o objeto real) como a representação, por exemplo, mentiras. (Quando as propriedades a e b estão s juntas fala-se de sistema de signos).

c: As palavras podem utilizar-se em um sentido desconhecido. (ex. metáforas)

Os sistemas significativos são mistos: código, sistema de signos, sistemas simbólicos. Só a linguagem possui as três propriedades. Segundo F. de Saussure, a linguagem é um sistema histórico com os seus aspectos social e individual indissociáveis. Nos propõe que tomemos a língua como uma parte essencial da linguagem. Apresenta a língua como uma totalidade e um princípio de classificação, passiva. Produto social da linguagem e conjunto de convenções acordadas socialmente que possibilita o uso individual, ou a sua execução que é a fala. A fala, sendo individual, precisa, para exteriorizar um pensamento, o uso do código da língua e os mecanismos psicofísicos que a fazem possível, ativa.

Há língua porque há sujeitos falantes. Saussure define o signo lingüístico como a associação



psíquica de um conceito, que chamará significado, com uma imagem acústica, que chamará significante.

Significado e significante são termos opostos dentro de uma totalidade.

Formula dois princípios do signo. O primeiro é que o signo é arbitrário, imotivado, já que entre significado e significante não há relação natural. O segundo princípio diz que o significante se desenvolve no tempo, de forma tal que tem um caráter linear.

Ao propor o conceito de valor entre um significado e um significante, indica a necessidade de distinguir sistemas de valores considerados em si, de relações entre coisas coexistentes, eixo das simultaneidades ou sincronia, e esses mesmos valores considerados como substituições no processo de mudanças através do tempo, eixo das sucessões ou diacronia. Sendo necessário partir de uma totalidade para analisar seus elementos, estes elementos terão o valor intrínseco da relação interna do signo, a qual chamará significação, mas também será pela presença simultânea de outros signos solidários e aos quais possa se opor que surge o valor de cada signo. A significação é um valor determinado pelas suas relações com outros valores.

Estas relações desenvolveram-se em duas linhas de valores que correspondem à nossa atividade mental.

Textura

No discurso cada palavra se encadeia à outra já que duas palavras não podem ser pronunciadas ao mesmo tempo. Chamará Sintagma a estas combinações de palavras encadeadas na linearidade da fala. Aqui o valor de um termo está na oposição ao termo anterior, ao posterior ou aos dois. Esta é uma relação *in presentia*. Fora do discurso, termos que têm algum elemento comum se associam via memória formando grupos de relações diferentes. Relações *in absentia*.

As relações a serem estabelecidas podem sê-lo pelo radical, pelo sufixo, pela analogia dos significados, etc. Estas relações associativas são consideradas dentro do que se chama paradigmas. Para R. Jakobson, e a partir do estudo da afasia como distúrbio da linguagem, a base do funcionamento da linguagem estaria na metáfora e na metonímia, que são assimiladas à cadeia associativa ou paradigmática e à sintagmática, respectivamente.

REFORMULAÇÃO DO SIGNO

Lacan, a partir da experiência analítica, da qual diz que possibilita descobrir no inconsciente a estrutura da linguagem, toma a formalização de . F. de Saussure e propõe, de fato, a inversão das posições do significado e o significante e faz desaparecer a elipse; formulando:

$$\frac{S}{s}$$

Propõe a não existência de uma relação biunívoca entre significante e significado, assim como entre palavra e coisa. Se o significado é a representação do objeto no pensamento, essa representação seria uma presença do objeto percebido que é ausência, o qual faz a transformação do significado em significante.

A não relação biunívoca a explícita desde o momento em que a palavra "árvore" pode remeter a qualquer árvore, inclusive à árvore da vida.

Lacan mantém a barra, sendo esta resistente à significação.

Nesta linha teríamos:

$$\frac{S}{S'... S''}$$

Ao dizer que a constituição do objeto se dá ao nível do conceito que é diferente do nominativo e da coisa, desfaz a ilusão de pensar que o significante representa ao significativo. O significante existe porque remete a qualquer significação.

Porque mantém o conceito de valor diz que há significação pela relação a outra significação.

Considera que significante e significado organizam redes de relações, mas que estas redes não se recobrem.

A rede do significante que governa o significado é a estrutura sincrônica da linguagem, e cada elemento está em uma posição diferencial respondendo à lei de ordem fechada. Um significante remete a outro significante.

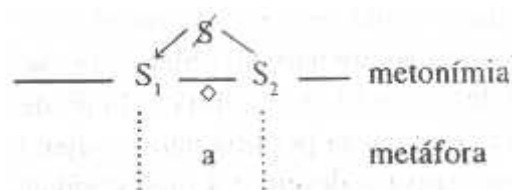
Textura

A rede do significado a define como o conjunto diacrônico dos discursos concretamente pronunciados, a qual incide historicamente sobre a primeira.

É a relação do significante ao significante que produz a significação. Estabelece a cadeia significante que retrotraída sobre si mesmo, permite situar o significado como um momento. A pontuação dá sentido ao discurso. O significante antecipa o sentido que a retroatividade decide como significação. Se o que decide a significação é a relação do significante com outro significante não haveria nenhum significante que se signifique a si mesmo; sempre seria necessário outro significante que faria cadeia.

A descoberta do inconsciente como esse lugar do Outro, onde Freud situava a "outra cena", permite-nos encontrar o lugar onde o sujeito dá conta de sua divisão, sujeito que encontra seu lugar no significante. É o encontro de um significante com outro que produz um sujeito em falta constituído pela perda do objeto.

Quatro elementos armam uma cadeia:



Por isso Lacan diz que o signo representa algo para alguém, enquanto o significante representa o sujeito para outro significante. Significante no qual o sujeito da enunciação encontra o seu lugar e que fratura a certeza do ser do enunciado, dando prova da sua própria cisão. Sujeito este constituído como desejante pela perda do objeto, objeto causa do desejo. Perda produzida pela operatividade da lei contra o incesto através da metáfora paterna.

Retomando o pensamento freudiano, Lacan lembra-nos que para que algo fique como memória tem que ser apagado da percepção e nos indicará que essas marcas da percepção são o que se chama significantes. O ponto central é que o significante será a representação, seja coisa ou palavra.

Em relação à memória, podemos dizer que há uma memória Pré-consciente-consciente como passado simbolizado onde está feita pelo significante a articulação coisa e palavra. A memória inconsciente é o passado real a ser simbolizado, sendo a análise que permite pelo significante que esse real possa ser parcialmente simbolizado. Se diz que o real é o impossível de ser simbolizado, o é de sê-lo plenamente. E por este caminho que se põe em jogo a verdade histórica do sujeito.

Avança mais um pouco ao afirmar que o significante registra-se como representante e que é na representação que se põe em jogo a significação.

Textura

Em relação a estes significantes nos indica que Freud designava que essas marcas da percepção se constituíam na simultaneidade onde identifica a sincronia significante. Na constituição das marcas da percepção, por analogia, nos propõe identificar as ligações de contraste e similitude que caracterizam a metáfora, introduzida pela diacronia. Considerando a elaboração onírica como a versão de um texto a ser decifrado no qual o desejo se realiza, o significado se desloca sob o significante, de um significante a outro, em uma relação de palavra a palavra onde encontra sua forma a metonímia. Maneira de enganar à censura ao igual que a metáfora que toma sua forma na sobre-determinação da condensação onde há uma substituição de uma palavra por outra. Substituição significante onde um ocupa o lugar de outro, que cai ao lugar do significado e como significante oculto mantém uma relação metonímica com o resto da cadeia significante.

Não só o sonho utiliza a maneira de expressão do processo primário no qual Lacan encontra uma estrutura homologa com a forma de funcionamento da linguagem, também definirá desta maneira as outras formações do inconsciente onde o lapso aparece como um discurso efetivado, o sintoma como essa palavra amordaçada e a ser liberada, e o chiste como o sem sentido coloca com humor a representação de uma verdade. Sem dúvida, em cada uma destas formações está em jogo a verdade. Nesta linha encontramos a noção de simbolismo em psicanálise, para a qual nos valem da condensação ou metáfora e do deslocamento ou metonímia.

O símbolo não valerá de maneira universal, ao contrário sua significação se decidirá na singularidade, a partir do processo associativo feito em relação a cada significante.

Estas duas vertentes, dizia Lacan, que são as leis que regem o funcionamento do inconsciente e que constituem a linguagem, nos permitem descobrir os efeitos ao nível do significante. Efeito de discurso que instaura um sujeito, duplo jogo gerador de significação.

FÓRMULAS

Metonímia - Metáfora

Lacan vai propor como fórmula da metonímia:

$$f(S... S') \cong S (-)s$$

onde a relação combinatória do significante a outro significante procura a significação.

O S' é um termo produtivo do efeito significante e esse termo permanece latente, isto é, congruente (\cong) com a manutenção da barra ($-$) resistente à significação.

O deslocamento que remete ao movimento constante do desejo faz referência à falta em ser que instaura o significante em relação ao objeto.

O desejo é metonímico; procurando o objeto que o causa, encontra outros objetos. Lembremos que não é o objeto que causa o desejo; o objeto como causa do desejo é uma causa perdida para o sujeito. O que causa o desejo é a operatividade da função paterna. (cf. infra)

E vai propor pára a metáfora:

Textura

$$f(S') S \cong S (+)s$$

onde, a substituição de um significante por outro produz o efeito de significação, o termo S' que produz esse efeito aqui é manifesto. Esta substituição é congruente (\cong) com o atravessamento (+) da barra resistente a significação.

Será em relação à constituição do sujeito que a metáfora evoca no campo imaginário a significação do falo. Lacan, então, nos apresenta esta fórmula da metáfora paterna:

$$\frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado ao Sujeito}} \longrightarrow \text{Nome do Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

Sintetizando, o significante do Nome do Pai operando sobre o significante do Desejo da Mãe, desejo já constituído na sua trama edipiana, induzirá o significado do sujeito como recalcado. Significação fálica que dirá que o significante atribuído ao Desejo da Mãe (via discurso) como significante da falta, o falo, por operatividade do significante do Nome do Pai o sujeito nunca poderá tê-lo, somente poderá tê-lo e gozar com ele. ou não tê-lo e saber onde procurá-lo.

Em forma esquemática:

$$\frac{S}{s} \cdot \frac{X}{x} \longrightarrow S \left(\frac{1}{s} \right)$$

S = significantes

X = significação desconhecida

S = significado induzido pela metáfora

O significante é a presença de uma ausência. Freud o descobre no jogo do seu neto. O jogo com o carretel lhe possibilita dominar a ausência da mãe com a presença-ausência do carretel. (Da = está aqui - O.o.o. = Foi embora. Freud, desde o lugar de um Outro encarnado, decide esta significação). Depois, o neto passa a brincar com a sua própria presença-ausência no espelho para poder, logo a seguir, frente à presença da sua mãe, nomear-se na sua ausência (Nené o.o.o.). Prova da sua existência no universo simbólico, universo da linguagem que preexiste ao sujeito.

: E a partir da introdução do sujeito na linguagem do seu desejo que o sujeito aparece como efeito da palavra nos significantes que o representam. (Leia-se como Freud trabalha a fantasia Bate-se numa criança, os lobos ou Wespe no Homem dos lobos ou Signorelli etc.).

Textura

Por que o inconsciente não é diferente dos efeitos da palavra, e porque Lacan homologa a estrutura da condensação com a metáfora e a do deslocamento com a metonímia, podemos concluir que “O inconsciente estruturado como uma linguagem” é uma metáfora de Lacan.

BIBLIOGRAFIA

DUCROT, O. e TODOROV, T. Dicionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje, México, Siglo Veintiuno, 1978.

FREUD, S. "La interpretación de los sueños", 1900, vol. 4 e 5.

- "Fragmento de análisis de um caso de histeria, (1905 (1901), vol. 7.

- "Trabajos sobre metapsicología. La represión. Lo inconsciente", 1915, vol. 14. .,

- "Más allá del principio del placer" 1920, vol. 18, Argentina, Amorrortu, 1976.

JAKOBSON, R. "Dos aspectos del lenguaje y dos tipos de afasia", in Semiólogia, afasia y discurso psicótico, Rodolfo Alonso editor, 1973.

LACAN, J. "Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis"

- "La cosa freudiana o sentido del retorno a Freud en psicoanálisis".

- "La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud".

- "La dirección de la cura y los principios de su poder".

- "La significación del falo". "Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano", in Escritos I, México, Siglo Veintiuno, 1978.

- "De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis".

- "En memoria de Ernest Jones: sobre su teoría del simbolismo", in Escritos II, México, Siglo Veintiuno, 1975.

- "La metáfora del sujeto", Argentina, Homo-sapiens, 1978.

Seminário IX: "La identificación" Seminário XI: "Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis" Espanha, Barral, 1974.

LÉVY-STRAUSS, C. "El análisis estructural en lingüística y en antropología", in Antropología estructural. Argentina. Eudeba, 1968.

SAUSSURE, F. de. Curso de lingüística general, Argentina, Losada, 1974.